

Caro leitor,

A Coleção Essencial - Livros RTP é um projeto cultural concebido em parceria entre a RTP e a Leya. Consiste na publicação de um conjunto de obras de ficção, de autores lusófonos e estrangeiros. O objetivo desta iniciativa é a promoção do gosto pela leitura através da descoberta (ou redescoberta) de alguns dos autores mais relevantes do século xx, colocando à disposição do público, por um preço reduzido e uma cadência de saída de um título por mês, algumas das obras-primas da literatura contemporânea.

Boas leituras,

A Administração da RTP
A Administração da Leya

COLEÇÃO **Essencial**

Hermann Hesse

Prémio Nobel 1964

O Lobo das Estepes

Tradução
Paulo Rêgo

Prefácio de
Isabel Cristina Mateus



Título: *O Lobo das Estepes*
Título original: *Der Steppenwolf*
Autor: Hermann Hesse
© Herman Hesse, 1995
© Publicações Dom Quixote, 2013
Tradução: Paulo Rêgo

Capa: Rui Garrido
O projeto de capas é específico desta coleção e é elaborado com recurso exclusivo a imagens desenhadas a partir da fonte tipográfica «Esta».
Este livro foi composto em Rongel,
fonte tipográfica desenhada por Mário Feliciano

1.ª edição, março de 2018
Paginação: LeYa, SA
Impressão e acabamento: Eigal
Depósito legal n.º 437 754/18
ISBN: 978-972-20-6478-1
Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

Leya, SA
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide · Portugal
www.leya.com

PREFÁCIO

Quase século e meio decorrido sobre a data do seu nascimento, pode afirmar-se, hoje como ontem, que Hermann Hesse (Calw, 1877 — Montagnola, 1962) foi um escritor entre mundos. Na encruzilhada entre tempos, culturas e geografias diferentes. Aquilo a que podemos chamar um escritor de fronteira, no limiar entre o mundo desencantado de oitocentos e o mundo da euforia modernista, o tempo antes e o tempo depois da Guerra, entre a cultura ocidental a que pertence e a cultura oriental que o fascina, a Alemanha natal, a cidade de Calw, a norte da Floresta Negra, que lhe serviu de berço, e a Suíça, país para onde emigra em 1912 e o adota como filho em 1923. Será, de resto, em Montagnola, no apartamento alugado da belíssima Casa Camuzzi, com vista para o Lago Lugano, que Hesse passará os últimos quarenta anos de vida. É junto desses lugares que mora para a eternidade.

Hermann Hesse foi um escritor rebelde, ontem como hoje, marginal. Atrevo-me mesmo a dizer «selvagem», entre outras razões pelo que de indomesticável a sua escrita significa em relação a todas as formas de pensamento único ou dominante, de cânones ou ortodoxias (incluindo as académicas), de crenças ou poderes. Pelo poderoso exercício de liberdade crítica e criativa que esta escrita representa. O que não deixa de surpreender em alguém que, em 1946, para além do Prémio Goethe, foi distinguido com o Prémio Nobel, em reconhecimento dos «ideais humanitários clássicos e [d]as altas qualidades de estilo» da sua escrita.

A natureza insubmissa do escritor manifesta-se muito cedo, desde logo no gesto de rebeldia do jovem Hesse ao recusar o destino de pastor que os pais ambicionavam para ele. Ou, em 1891, na fuga acidentada do mosteiro de Maulbronn onde o pai o internara, na ruptura com a tradição e a ordem familiar que daí advém. Assim como na carta que então endereça ao pai (e, em certa medida,

anuncia o gesto de Franz Kafka, em 1919), onde inscreve este grito de desafio que há-de ser para ele um lema de vida: «Serei escritor ou não serei nada.»

Peter Camenzind (1904) traz ao escritor em que entretanto se convertera o entusiasmo de muitos jovens leitores alemães que vêem na experiência sensorial e espiritual do mundo, na forma diferente de conceber a relação do homem com a natureza e com o corpo, um estilo de vida alternativo ao modo burguês de vida, uma das temáticas que atravessam a sua obra e fazem de Hesse um escritor de culto para os movimentos da contracultura que eclodem nos anos 60, dos hippies aos new age. Hesse torna-se o autor europeu mais lido e traduzido no século XX; um best-seller nos Estados Unidos, curiosamente, esse mesmo país que, na sequência da atribuição do Nobel, o escritor dissera não ser o «seu mundo», afirmando serem os leitores americanos (ao contrário dos japoneses) aqueles que «menos me entendem»

A insubmissão do escritor virá de novo à superfície na crise emocional e identitária agravada pela viagem à Ásia (Indonésia e China), em 1911, e em particular à Índia (país onde a mãe nascera). O confronto com o desmoronar da imagem idealizada bebida desde a infância a partir do avô materno, Hermann Gundert, e dos pais que durante anos viveram na Índia como missionários pietistas, leva o escritor a romper com os laços familiares. Pelo caminho, quebra as amarras conjugais, abandona a casa de Gaienhofen, junto ao lago Constança, onde se estabelecera com a família e, em 1919, emigra para a Suíça onde ficará até ao fim dos seus dias. Dessa viagem à Índia ficarão marcas profundas tatuadas na pele e na memória do escritor que, desde aí, não cessa de interrogar a Ásia como contraponto cultural, ético e estético à decadência do Ocidente (uma interrogação que lembra, assumindo embora sentidos distintos, o fascínio de Stefan Zweig pelo Brasil). Marcas que atravessam a sua escrita e se tornam particularmente visíveis em registos diarísticos, relatos ou romances, entre eles *Da Índia* (1913), *Siddharta* (1922) ou *Viagem ao Oriente* (1932).

O inconformismo e a ousadia, a abertura e a porosidade de fronteiras, o ecletismo e o diálogo cultural são sobretudo marcas de água de uma escrita única e inclassificável que ganha hoje, à distância de mais de um século, renovada actualidade. Porque no limiar dessa negra linha de fronteira que a experiência da Guerra introduziu no século XX, é o nosso mundo que a escrita de Hermann Hesse antecipa e dá a ver. E é com esse mundo apenas adivinhado ou pressentido que o leitor de hoje se confronta.

Publicado em 1927, no intervalo entre as duas guerras, *O Lobo das Estepes* é para muitos a obra-prima de Hermann Hesse, um dos romances mais

representativos da literatura alemã, um «clássico» da literatura ocidental, ainda que alguém como Harold Bloom tenha remetido o autor para as margens do cânone e do esquecimento. Lido hoje, quase um século e um novo milénio depois, resgatado de tudo o que foram modismos e leituras epocais ou ideologicamente motivadas, o romance ressurge no seu original fulgor. A força poderosa desta escrita arrebatada o leitor, arrasta-o para um teatro mágico de imagens e de palavras de que não sairá ileso. Nem sequer o mesmo.

O romance dá-nos a conhecer Harry Haller, um homem de cinquenta anos, solitário, estranho, um ser bravo e sem afetos que a si próprio se apresenta como «o Lobo das Estepes sem pátria nem lar, o isolado misantropo que odeia o mundo pequeno-burguês». Instalado no coração do paradoxo, vive num quarto das águas-furtadas de um prédio burguês por uma espécie de «velho sentimentalismo» que o leva a escolher sempre estes «respeitabilíssimos e enfadonhíssimos ninhos da pequena-burguesia irrepreensivelmente bem mantidos, onde cheira a uma mistura de terebintina e sabão, e onde as pessoas apanham um susto se alguma vez se deixa a porta bater ou se calham a entrar com os sapatos sujos» (p. 42). Onde uma simples araucária num vaso, bem cuidada e olorante, se transforma num templo de ordem e beleza a que o lobo solitário não deixa de prestar culto. É a esse covil das águas furtadas que gosta de regressar depois de ter rondado a cidade e farejado o odor dos homens; depois do comovente «odor de tranquilidade burguesa», agrada-lhe transpor «o limiar da porta» do quarto «onde tudo se apresenta desregrado, sinistro e desleixado e onde tudo, livros, manuscritos, ideias, se encontra marcado e impregnado pela miséria do isolamento, pela problemática da existência humana, pela nostalgia de atribuir um novo sentido à vida humana, que o perdeu e se tornou absurda» (p. 42).

Incapaz de sair deste impasse, ao mesmo tempo cúmplice e outsider, exilado entre a «nostalgia pelo lugar onde pertence e a sua pertença a lugar nenhum» (p. 32), simultaneamente lobo e humano, o *Lobo das Estepes* remete-se ao lugar de observador e farejador de sentidos. De intérprete do mundo burguês, desse respeitável mundo perfeito, economicamente domesticado, cientificamente clean, que a guerra lhe revelara na sua vacuidade e absurdo. Na sua desumanidade também. O seu olhar é um olhar de animal tresmalhado, de animal que se afastou da alcateia social, diferente porque exterior, estranho porque alienado, para não dizer louco. No fundo desencanto do seu olhar vítreo, amareladamente, o Lobo sabe que não há mais sentido para além do caos ou outra saída a não ser o suicídio, ainda que o medo da morte lhe vá adiando o gesto.

Não pense o leitor, porém, que este é um romance soturno, uma espécie de crepúsculo dos deuses em tons sépia ou um requiem à cultura europeia, à maneira de um Thomas Mann. Antes pelo contrário. A ironia e o humor pontuam o romance, os diálogos são divertidos, se não mesmo hilariantes, o delírio das imagens e alucinações conferem-lhe uma vivacidade notável, a inesperada nota do fantástico espregueia quando menos se espera, ao virar da página. Há muros com portas invisíveis, teatro mágico e bailes de máscaras, espelhos de todos os tamanhos, imagens que aumentam e encolhem, personagens enigmáticas, cómicas ou grotescas, há jogos e livros misteriosos, letreiros e portas que abrem para mundos que ora fazem lembrar Alice do Outro Lado do Espelho de Lewis Carroll ora o onirismo inquietante de David Lynch. Há o martelo de Nietzsche, em fundo. As drogas de Pablo. E há o olhar de Harry Haller sobre tudo isto. A navalha de barbear como saída de emergência no seu quinquagésimo ano de vida. Saída adiada, todavia, porque Harry-lobo irá aprender ao longo do romance que há mais mundo para lá do paradoxo e da sua condição lupina.

O que há de singular na escrita de Hermann Hesse e, em particular, em O Lobo das Estepes, é o modo como recusa as antinomias que estão na origem da decadência da cultura europeia (e ocidental) e procura, não uma síntese que as supere, mas uma forma de as relativizar, confrontar, multiplicar ou anular, que é como quem diz, uma saída ou redenção; antinomias como natureza/espírito, corpo/alma ou animal/humano, fortemente inscritas na matriz judaico-cristã que é a nossa. Para o autor, a cultura do espírito (em detrimento da natureza, a «feritas» que tanto o platonismo como o cristianismo se impõem domesticar), a cultura das elites, é em grande medida responsável pelo alheamento dos intelectuais em relação à vida, pela alienação e desumanização que conduziu ao absurdo da guerra.

Sair desta alienação significa, entre outras coisas, fazer descer do mundo etéreo esta cultura do espírito e aproximá-la da respiração do mundo, abolir o fosso de comunicação entre as elites e as massas, apear do pedestal «os imortais», escutar-lhes, para lá da seriedade da máscara, a sua gargalhada humana. No seu percurso de aprendizagem, Harry Haller ver-se-á assim confrontado com o pezinho de dança de Goethe e com o riso sonoro de Mozart, às cambalhotas no ar, sob o fundo musical de Don Giovanni. Da mesma forma que será provocado pelo humor corrosivo destas palavras em jeito de verso ou, quem sabe, de rap, com que o ídolo venerado troça da sua escrita: «Oh meu amigo arrapazado, arranjaste um belo assado e agora estás calado? Pensas nos teus leitores, falsos doutores, que não são senão vorazes seguidores? E no

compositor tipográfico, esse herege com ar seráfico, agitador maldito e culpado de tráfico? Dás-me vontade de rir, esse teu constante carpir, a desgraça sempre a surgir... Tanto lamentar, mais do que chorar, é de mijar a gargalhar! Oh, tanta fé nesse coração, atestada com tinta de escrivão, dor de alma até mais não... Por tudo isso... oh, que anedota... consagrava eu uma vela toda janota, fazia-o mesmo só por chacota, para ver essa cara de idiota.» (p. 226)

Mas a suprema provocação deste Mozart descido à terra, humanizado, será a de confrontar Harry com um aparelho de rádio, esse «triumfo dos nossos tempos» (p. 231), e dar-lhe a ouvir o Concerto Grosso em Fá maior de Händel, sabendo que, para o Lobo das Estepes, o rádio não passa de um «diabólico funil de lata [...] a escarrar aquela mistura de muco brônquico e pastilha mastigada» (p. 230) a que os ouvintes chamam música. Mozart ensinará a Harry a conviver com a democratização da música que a rádio potencia, mas também com a imperfeição e o ruído como fazendo parte da vida humana e da arte: «Quando está a escutar a rádio, está a ouvir e a ver a luta primordial entre ideia e aparência, entre eternidade e tempo, entre divino e humano. Tal como a rádio, meu caro senhor, durante dez minutos e de modo indiscriminado lança a música mais magnífica do mundo para os espaços mais inimagináveis, para salões burgueses e para águas-furtadas, por entre ouvintes que tagarelam, comem, bocejam e dormem, tal como a rádio priva esta música da sua beleza sensual, a deteriora, a arranha, a enche de muco e ainda assim não consegue matar-lhe o espírito, também a vida, a chamada realidade, desbarata o magnífico jogo de imagens do mundo.» (p. 232)

Sair da alienação ou da bolha solipsista implica igualmente o diálogo multicultural, a abertura a formas diferentes de pensar e de co-existir no mundo, de questionar e relativizar certezas, o desejo de sair de si e ir ao encontro do outro, o desejo de comunicação. Harry aprenderá com Pablo, o saxofonista, a gostar de jazz e a dançar foxtrot pela mão de Hermine. Aprenderá com Maria a descobrir o corpo e a linguagem das sensações, o erotismo dos gestos, a farejar o odor simples da vida, mas, acima de tudo, aprenderá a declinar o amor em todas as suas combinatórias e possíveis geometrias. A amar Hermine para além do jogo e da morte.

Esta abertura ao outro e à alteridade do mundo não se fará, por outro lado, sem reconhecer a ficção da unidade do eu que outras culturas, nomeadamente a cultura indiana, desconhecem («nenhum eu, nem mesmo o mais ingénuo de todos, constitui uma unidade», p. 73), sem a dissolução do conceito de

personalidade: Harry transportará no bolso todos os diminutos «eus» que formam as peças de um tabuleiro de xadrez ou ver-se-á no espelho gigantesco como um retrato cubista «repleto de Harrys ou de pedaços dele, inúmeros Harrys» (p. 196). Esta multiplicação ou expansão do eu pressupõe naturalmente o abandono da tradicional zona de conforto que o impasse da dualidade corpo-alma favorece, a necessidade de conviver com a fera em liberdade, de resgatar o corpo enquanto meio privilegiado de diálogo com a natureza, de (re)pensar o humano e a interação com o mundo e com o outro: «Também o nosso Lobo das Estepes acredita albergar duas almas (lobo e ser humano) no seu peito, sentindo-o já bastante estreitado. O peito, o corpo, é sempre um só, as almas que nele habitam não são duas, nem cinco, mas inúmeras; o ser humano é uma cebola que consiste em centenas de camadas, um tecido que consiste em muitos fios.» (p. 75)

Evitar a saída de emergência do desencanto ou do desespero, significa deste modo assumir a pluralidade que nos habita, descobrir uma «humanimalidade» comum, a imperfeição como condição. Ir ao encontro da alteridade social e cultural, da diversidade do mundo e dos mundos diversos da arte, aprender com o hinduísmo ou o budismo, com a relatividade de Einstein e a psicanálise, aceitar as margens, o sobrenatural e a loucura como ponto de vista e leitura do real, em vez de «convocar a ciência» como auxiliar do poder, «de constatar uma esquizofrenia e de proteger a humanidade de ter de escutar um grito de verdade vindo da boca destes infelizes» (p. 73). Abrir todas as portas do humano.

Transpor a porta invisível do muro do quotidiano e entrar no teatro mágico da vida é afinal descobrir as infinitas possibilidades de estar no palco do mundo, as muitas máscaras e rostos do humano, de arriscar uma jogada no xadrez da existência. Ser condenado à pena máxima da vida. Da vida vivida em plenitude e liberdade, no fio da navalha dos dias.

Hoje como ontem, o espectro da guerra e da desumanização continua a rondar o mundo humano e a dúvida não desapareceu: «deveremos nós desistir de tudo, renunciar [...] a toda a humanidade, permitir que sejam a ambição e o dinheiro a governar tudo, e enquanto se bebe uma cerveja, ficar à espera da próxima mobilização?» (p. 133). Hoje mais do que ontem, as máquinas encarniçam-se contra os homens, os automóveis assassinos avançam a alta velocidade sobre os transeuntes para a «destruição geral do mundo civilizado» (p. 198), numa «luta há muito preparada, há muito esperada, há muito temida» (p. 197). As imagens estão aí, chegam-nos pela porta electrónica do mundo global que, de resto, Hesse previu.

Condenados que estamos cada vez mais à condição de lobos das estepes e à fria solidão do individualismo, domesticados pelo odor clean dos mercados e das araucárias que nos florescem à porta, este apelo à humanização das sociedades europeias não deixa de ser um alerta inquietante. Ler este romance é, por isso, uma forma de risco. Um desafio «só para alienados». Fica avisado o leitor.

Isabel Cristina Mateus